

# O ANARQUISMO NO BRASIL EM 1917: GREVE GERAL

**Pablo Mizraji**

**Resumo:** Nos meses de junho e julho de 1917 eclodem concomitantemente paralisações e é proclamada a Greve Geral em todo o país. Trabalhadores da indústria e do comércio param sua produção. As organizações sindicais, em suas variadas vertentes, de orientação sindicalista revolucionária e socialista, mobilizam massas de trabalhadores e trabalhadoras pelas principais cidades do país, colocando uma marca importante e definitiva na história social do Brasil e, principalmente, para o movimento operário. Nos finais dos anos 30 toda a gama de créditos dirigidos a novo sindicalismo relegou o movimento anarquista a segundos planos. Nesta encruzilhada entre a bolchevização dos aparelhos e a repressão, o movimento anarquista pôde conservar os matizes de sua crítica ao mesmo tempo em que tentava sobreviver aos efeitos de um novo modelo político a nível mundial.

**Palavras chave:** Anarquismo no Brasil; Greve Geral de 1917; Sindicalismo Revolucionário; Revolução Russa.

Numa fria manhã de julho, dia 11, uma multidão de cerca de 10 mil pessoas caminhou lentamente pelas principais ruas da cidade. A cidade de São Paulo estava parada numa última homenagem ao operário assassinado. As bandeiras vermelhas e negras tremulavam entre choros e sentimentos de vingança. A São Paulo proletária estava nas ruas, nunca se tinha visto aquilo antes.  
**Paula Beiguelman<sup>1</sup>**

Nos meses de junho e julho de 1917 eclodem concomitantemente paralisações e é proclamada a Greve Geral em todo o país. Trabalhadores da indústria e do comércio param sua produção. As organizações sindicais, em suas variadas vertentes, de orientação sindicalista revolucionária e socialista, mobilizam massas de trabalhadores e trabalhadoras pelas principais cidades do país, em quase todos os estados<sup>2</sup>, colocando uma marca importante e definitiva na história social do Brasil e, principalmente, para o movimento operário. Sindicatos, federações, grêmios, associações, ligas operárias e

---

<sup>1</sup> BEIGUELMAN, Paula. *Os companheiros de São Paulo: Ontem e hoje*. Editora Cortez. São Paulo. 2002.

<sup>2</sup> Podemos discriminar a participação de anarquistas no protagonismo operário em 1917 com registros no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Ceará, Alagoas, Paraíba, Pará, Amazonas e Minas Gerais.

cooperativas de apoio mútuo criaram as condições e expressaram a sua capacidade de organização da classe trabalhadora diante de um Estado cada vez mais oligárquico e em processo de transição para a industrialização. Com o aumento das exportações, o cenário econômico brasileiro parecia dar sinais de vida, no entanto, as condições trabalhistas estavam em profunda deterioração.

Com a chegada dos imigrantes italianos, espanhóis e ucranianos, o contingente fez aumentar o exército de reserva. O desemprego, frente a um alto custo de vida, passou a pesar nesta balança. Excesso de mão de obra, menos espaços de moradia e aos serviços básicos, condições de trabalho miseráveis<sup>3</sup>, famílias inteiras em regime semiescravo, foram as principais razões para o rápido crescimento e fortalecimento de um movimento operário que já vinha se organizando, desde os levantes populares do século XIX, a criação das ligas operárias, e a criação da Confederação Operária Brasileira (COB) em 1906. Como nos países do Prata, a formação política dos operários imigrantes, que traziam um histórico de organização, deixaram marcas na ação direta nas mobilizações grevistas de 1917. O proletariado brasileiro acumulava uma longa e penosa história de resistência. Suas principais indignações eram pela jornada de trabalho, dias de descanso, melhores salários, desemprego, negação de direitos como segurança, aposentadoria, férias, etc.<sup>4</sup>

A ressonância da Revolução Russa no Brasil se deu através dos jornais operários<sup>5</sup>. Por outro lado, demorou um pouco para que os anarquistas, tanto na América quanto na Europa, pudessem avaliar precisamente o desenrolar do processo russo em andamento, desde Fevereiro de 1917, quando se dá a primeira toada de poder na Rússia. Os centros marxistas, ligados aos PCs, podiam fornecer com maior lucidez, evidentemente, os últimos acontecimentos que se desencadeavam, promovidos pelos bolcheviques. Neste sentido, as primeiras informações que vinham diretamente de Petrogrado e Moscou, eram originárias das relações pontuais com o PC de Lenin. As publicações de “Teses de Abril”, por exemplo, pareciam indicar um rumo revolucionário indiscutível. Entre os anarquistas, não era diferente, pois a maioria estava

---

<sup>3</sup> Nos anos de 1914 a 1920, o salário da classe trabalhadora teve um aumento, no entanto, o custo de vida subiu para 189% em relação ao salário, impossibilitando o poder real de consumo.

<sup>4</sup> DIAS, Everardo. *História das Lutas Sociais no Brasil*. São Paulo: Editora Alfa Omega, 1977. pp. 226-227. O autor lista detalhadamente as condições reais em que se encontrava a classe operária em 1917, apresentando uma tabela resumida sobre o custo da alimentação, moradia, vestuário e demais necessidades básicas.

<sup>5</sup> As relações do movimento operário brasileiro se dava de forma intensa, principalmente com as seções da AIT, desde o final do século XIX até a recente criação das Federações Operárias Regionais na América Latina.

retornando das prisões ou do exílio, e via o processo dar-se de forma rápida e empoderado pelo povo.

Os anarquistas no Brasil observavam da seguinte forma:

A vitória dos trabalhadores russos, mais a situação econômica calamitosa das camadas mais pobres do Brasil, foram decisivas para desencadear a onda de protestos das classes trabalhadoras. Tais notícias (da vitória soviética) sensibilizaram o proletariado brasileiro, principalmente aqueles setores mais influenciados pelos anarquistas, numa hora em que problemas sociais, acumulados anos a fio, afloravam com as repercussões econômicas da guerra.<sup>6</sup>

Assim relata Everardo Dias<sup>7</sup> ao comentar de que forma que se recebiam as notícias da Rússia revolucionária no Brasil:

Ora, nós aqui, nas Américas, acompanhávamos esses episódios formidáveis através de telegramas deturpados (...) Como era de esperar – e não podia ser por menos – tais acontecimentos, prenunciando a Revolução Social mundial, ainda mais quando a seguir o império austro-húngaro esboroava, seguido pelo império alemão, a revolução socialdemocrata na Alemanha, um governo social cristão na Áustria, a revolução comunista na Hungria, a revolução comunista na Baviera, a agitação das massas trabalhadoras na Itália e na França, seguida de manifestações de caráter insurrecional e exigindo a entrega do poder – haviam de produzir em nós, do Brasil, como da Argentina, do Uruguai e do Chile, um profundo estremecimento revolucionário. Havia soado, alfim, a hora da grande e decisiva batalha contra o Capitalismo monopolista e avassalador! (...) Com referência ao Brasil, a situação apresentava-se com aspecto deveras propício a uma transformação político-social de radical finalidade.<sup>8</sup>

Antes desse ano, não se conhecia na história a experiência de uma greve geral em grandes proporções.<sup>9</sup> Segundo o historiador socialista Hermínio Linhares, esta greve foi

---

<sup>6</sup> BANDEIRA, Luiz M. *O Ano Vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1967. p.7.

<sup>7</sup> Everardo Dias (1883-1966) foi um operário gráfico e jornalista, militante que participou da greve geral de 1917 e da insurreição anarquista de 1918. Uma década anterior, destacou-se como um dos líderes do movimento anticlerical em São Paulo. Em 1905 foi orador no comício dos mártires russos, em São Paulo. Em 1919, é preso juntamente com os secretários da União dos Trabalhadores Gráficos de São Paulo, e torturado em Santos onde, pelo jornal *A Plebe*, denuncia o tratamento recebido. Participa da reunião do PCB e em 1924 é preso novamente ao estourar a Revolta Paulista, sendo desta vez, enviado para os campos de concentração na ilha das Flores. Na década de 1930, desempregado, perseguido pela polícia, fica detido por 2 anos, acusado de participar da Intentona Comunista. Fonte: Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Everardo\\_Dias](https://pt.wikipedia.org/wiki/Everardo_Dias). Acessado em 16/04/17.

<sup>8</sup> DIAS, Everardo. *Op. Cit.* p. 80-81.

<sup>9</sup> Anteriormente, greves e manifestações proletárias são registradas desde a virada do século XIX, tais como a Revolta da Vacina (1904), a greve dos ferroviários da Companhia Paulista (1906), as greves operárias (consulta jornal “A Batalha”, nº1. 139), dezenas de greves nas indústrias e no comércio (1907), estivadores de Porto Alegre (1907), trabalhadores da indústria têxtil na Bahia (1907), portuários de Santos (1908), entre outras.

a primeira greve geral em um Estado do Brasil. Os anarquistas dirigiram o movimento; o comércio fechou, os transportes pararam e o governo impotente não conseguiu dominar o movimento pela força. Os grevistas tomaram conta da cidade por trinta dias.<sup>10</sup>

Da mesma forma que nos outros países da América Latina, o Estado brasileiro (sob o comando de Arthur Bernardes) iniciou a repressão, fechando sindicatos, jornais e assassinando trabalhadores. Em São Paulo, com o fim da Primeira Guerra Mundial, organizações operárias e federações livres haviam articulado manifestações contra a guerra e seus comitês foram influentes durante o ano de 1917. Segundo Luiz Bandeira:

O ano de 1917, a agitação operária era uma constante em todo o território nacional. O número de greves cresceu assustadoramente, sendo que só em São Paulo ocorreram naquele ano 14 greves, das quais uma foi geral e as outras regionais ou parciais. Toda a população pobre participou do gigantesco movimento de revolta.<sup>11</sup>

De acordo com Dias, a greve de São Paulo demonstrava que a coesão do proletariado alterou a jogo de forças sociais. Para ele, nem na Argentina “onde o proletariado estava melhor organizado”, obteve tal “sucesso” nas conquistas. Já no Uruguai e no Chile, “o proletariado igualmente mantinha um nível de agitação revolucionária dos mais altos e decididos.” Ele continua, “a preparação da greve geral insurgente tomou assim corpo e expansão entre os principais líderes sindicalistas, anarquistas, socialistas e grupos democratas descontentes com a situação no país.”<sup>12</sup>

No entanto, o que foi cedido pelo Estado e pelos patrões teve, por outro lado, consequências pesadas para o movimento em geral. Em muitos aspectos, o Estado não cumpriu com sua parte e, por isso, repetidamente, novas greves continuaram a existir de 1918 em diante. A Lei Adolfo Gordo, decretada em 1907, utilizada para reprimir e criminalizar especificamente anarquistas, foi vigente por mais anos, sendo reeditada sob diversos títulos como Lei de Expulsão de Estrangeiros (modificada em 1913), Segunda Lei de Expulsão (1919), Lei de Imprensa (1923, para silenciar os jornais operários), Lei Monstro (1927), além de o senador Adolfo Gordo criar a Lei de Acidentes no Trabalho (1915) que também privilegiava os empregadores, prejudicando a classe trabalhadora como um todo. Em tais decretos, o historiador anarquista Alexandre Samis analisa

---

<sup>10</sup> LINHARES, Hermínio. *Contribuição à história das lutas operárias no Brasil*. São Paulo: 2ª ed. Ed. Alfa-Omega. 1977. p. 61.

<sup>11</sup> BANDEIRA, Luiz A. *Op. Cit.* p.115.

<sup>12</sup> DIAS, Everardo. *Op. Cit.* pp. 86-87.

como essas resoluções atingiram diretamente o anarquismo, principalmente no contexto de mapeamento e criminalização de militantes. A própria criação do presídio de Clevelândia do Norte (1924-1926), localizado na cidade de Oiapoque/AP, consolida a forma como o Estado policial de Arthur Bernardes propunha contra os anarquistas, através do Departamento de Ordem Política e Social (DEOPS).<sup>13</sup>

No geral, a maior parte das reivindicações, não chegou a serem postas em prática, e daquelas que entraram em vigor, não seriam fiscalizadas. Toda a questão social “passava a ser caso de polícia.”<sup>14</sup> Em relação às perseguições, como afirma Alexandre Samis, “o operariado continuaria mobilizado nas principais capitais brasileiras. No 1º de Maio de 1919, por todo o país, registraram-se manifestações em favor dos *soviets* russos e das revoluções em curso, na Hungria e Alemanha”.<sup>15</sup>

## O ESTOPIM DE SÃO PAULO

O trabalho nas fábricas também era feito com base na mão de obra infantil e as jornadas costumavam ser de 10 até 16 horas por dia. Em meio à crescente onda de imigrantes e da organização do movimento operário, o Estado burguês passou a dificultar, tanto a vinda de novos imigrantes quanto a organização destes, promovendo propaganda e discursos nacionalistas, além da criação de decretos anti-imigração.

O pavio das greves foi a paralisação das fábricas têxteis Crespi, em São Paulo. Em apelo à União dos Operários em Fábricas de Tecidos de São Paulo, trabalhadores das ligas operárias de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro declaram boicote à Crespi. Em poucos dias, o movimento operário mobilizou-se integrando todas as demais fábricas, fazendo eclodir a greve em outras cidades. Em seguida, trabalhadores do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul se uniram em solidariedade de classe. Distintamente da afirmação de Edgard Leuenroth, anarquista importante que foi influente no Comitê de Defesa Proletária, ao afirmar que a constituição da Greve Geral de 1917 foi um evento “espontâneo do proletariado sem a interferência, direta ou indireta, de quem quer que seja”<sup>16</sup>, e ainda prossegue na publicação do jornal libertário

---

<sup>13</sup> SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. São Paulo: Imaginário, 2002.

<sup>14</sup> *Ibid.* p. 234.

<sup>15</sup> SAMIS, Alexandre. “Pavilhão negro sobre pátria oliva”. COLOMBO, Eduardo *et all.* *História do Movimento Operário Revolucionário*. São Paulo: Editora Imaginário. 2004.

<sup>16</sup> LEUENROTH, Edgar. *Jornal Dealbar*. ano 2, n. 17. São Paulo. 17 de dezembro de 1968. Edgard Leuenroth em resposta a uma referência dada a ele por ser acusado de “mentor” das greves, escreve ao jornal Estado de São Paulo outra carta.

*Dealbar*<sup>17</sup>, “consequentemente de um longo período da vida tormentosa que então levava a classe trabalhadora”. Foi, sem sombra de dúvida, fruto da difícil organização do movimento operário em meio à repressão estatal e policial. Apesar deste entendimento, o uso do termo “espontâneo”, dado por Leuenroth poderia ser interpretado como autônomo, ou melhor, independente dos aparatos do Estado, e não no sentido de desorganizado.<sup>18</sup>

Com a morte do anarquista espanhol José Martinez<sup>19</sup>, em 9 de julho de 1917, que a fagulha se dá, quando a cavalaria ataca um grupo de operários que protestavam na fábrica Mariângela no Brás, em São Paulo. Em seu funeral, uma enorme multidão se forma e atravessa a cidade levando seu corpo com gritos de “morte ao Estado”. Em menos de 36 horas, mais de 80 mil trabalhadores entravam em greve. Desta forma, Edgard Leuenroth comenta:

O enterro dessa vítima da reação foi uma das mais impressionantes demonstrações populares até então verificadas em São Paulo. Partindo o féretro da Rua Caetano Pinto, no Brás, estendeu-se o cortejo, como um oceano humano, por toda a avenida Rangel Pestana até a então Ladeira do Carmo em caminho da Cidade, sob um silêncio impressionante, que assumiu o aspecto de uma advertência. Foram percorridas as principais ruas do centro. Debalde a Polícia cercava os encontros de ruas. A multidão ia rompendo todos os cordões, prosseguindo sua impetuosa marcha até o cemitério. À beira da sepultura revezaram os oradores, em indignadas manifestações de repulsa à reação.<sup>20</sup>

Comícios foram feitos em todas as partes, desde a Praça da Sé até o Brás, desencadeando uma violenta resposta ao Estado, incitando toda a classe trabalhadora à greve geral, construindo barricadas nas ruas e distribuindo panfletos e manifestos por toda a cidade.<sup>21</sup> Durante semanas, os comerciantes não abriram suas portas e não havia meios de locomoção na cidade, devido à solidariedade entre as categorias e à declaração de Estado de Sítio dada pelo governo. O Comitê de Defesa Proletária junto com as

---

<sup>17</sup> O Jornal *Dealbar* era uma publicação anarquista de São Paulo que circulava no Centro de Cultura Social, Centro de Estudos José Oiticica, reproduzindo publicações da editora Germinal, além de corresponder-se com outros periódicos como, *Tierra y Libertad*, do México. Entre seus colaboradores, estavam Pietro Catallo, Frederica Montseny, Edgard Leuenroth e Erich Fromm. Fonte: <http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/8900>.

<sup>18</sup> De acordo com o entendimento do termo estudado por Alexandre Samis.

<sup>19</sup> José Martinez, sapateiro anarquista e sindicalista espanhol, militante da Federação Operária de São Paulo (FOSP) e da Confederação Operária Brasileira (COB). Assassinado pela polícia de SP no dia 9 de julho de 1917, aos 21 anos de idade. Seu funeral foi o pavor para a Greve Geral de 1917 juntando milhares de pessoas em marcha pelas ruas de São Paulo.

<sup>20</sup> LEUENROTH, Edgar. *Op. Cit.* p. 1.

Disponível em: <http://movimentooperariobrasileiro.blogspot.com.br/p/edgard-leuenroth.html>. Acessado em 09/04/17.

<sup>21</sup> LINHARES, Hermínio. *Op. Cit.* p. 61.

organizações da greve pautaram, em 11 de julho, 11 pontos reivindicatórios que foram defendidos pelas 80.000 pessoas que aderiram à greve. No Brás, um comício foi feito que clamava a ação direta e a mobilização de toda a classe trabalhadora do país.

São Paulo é uma cidade morta: sua população está alarmada, os rostos denotam apreensão e pânico, porque tudo está fechado, sem o menor movimento. Pelas ruas, afora alguns transeuntes apressados, só circulavam veículos militares, requisitados pela Cia. Antártica e demais indústrias, com tropas armadas de fuzis e metralhadoras. Há ordem de atirar para quem fique parado na rua. Nos bairros fabris do Brás, Mooca, Barra Funda, Lapa, sucederam-se tiroteios com grupos de populares; em certas ruas já começaram fazer barricadas com pedras, madeiras velhas, carroças viradas. A polícia não se atreve a passar por lá, porque dos telhados e cantos partem tiros certos. Os jornais saem cheios de notícias sem comentários quase, mas o que se sabe é sumamente grave, prenunciando dramáticos acontecimentos.<sup>22</sup>

Dado o nível de radicalização das paralisações, a ação direta implementada pelos comitês proletários e a massificação das forças sociais em jogo, o patronato não teve outra saída senão ceder às reivindicações dos trabalhadores, revisando os salários e as demais pautas. Como resultado, as grandes greves, através de sua vitória significativa fizeram sedimentar, no imaginário subjetivo da classe trabalhadora organizada, a organização para a continuidade.

## **A PARTICIPAÇÃO DOS ANARQUISTAS**

Com o surgimento das ligas operárias de bairro e das federações de classe formadas nas greves anteriores que precederam a de junho de 1917<sup>23</sup>, o movimento operário dava indícios de que a classe trabalhadora caminhava rumo a uma ampla organização. Segundo Dias, a greve geral seria um meio e não um fim para os anarquistas:

É que os principais e mais prestigiosos militantes eram todos de tendência anarcossindicalista, sustentando a opinião de que as massas deviam agir por si só na hora precisa e com decisão emancipatória e tais leis não passavam de paliativos enganosos. Confiava-se então com firmeza e plenitude no espírito de luta dos trabalhadores e nas palavras de ordem para desencadear a greve geral revolucionária (...) O desassossego era intenso e um mal estar subterrâneo lavrava por todo o mundo. Os governos das nações caíam como folhas secas ao sopro que vinha do Norte. Não se queria saber de

---

<sup>22</sup> DIAS, Everardo. *Op. Cit.* p. 298.

<sup>23</sup> Antes de 1917, o papel importante desempenhado pela propaganda anarquista em jornais, comícios e até atividades culturais, como o teatro operário, tiveram um efeito positivo sobre o movimento operário, ajudando a fundar, em 1905, a Federação Operária de São Paulo (FOSP), a campanha pela redução da jornada de trabalho no 1º de maio de 1907 e a onda de greves que se seguiu desde 1912.

parlamentarismo. Pensava-se. Isso sim, com empenho, na Revolução Social.<sup>24</sup>

A contribuição para a formação deste cenário se deve pela disseminação das ideias de organização, ao papel difusor e específico da militância anarquista. Jornais como *A Plebe*<sup>25</sup> ajudaram substancialmente a mobilizar e (in)formar todos os instrumentos de luta possíveis para gerar a força social necessária. O periódico auxiliou nas prévias das greves, informando o passo a passo de todas as manifestações, assim como se davam as condições de luta no momento. Do dia 9 de junho ao dia 8 de setembro, podemos ver a ampla cobertura dada pelo jornal, viabilizando uma rede de articulação entre os setores paralisados e aqueles que estavam prestes a se organizar.

Outro jornal, o *Guerra Sociale*, escrito em língua italiana, também fornecia informações detalhadas contribuindo para a organização do movimento. O jornal teve uma vida breve, existindo de 1915 a 1917. Dentro dos sindicatos, os anarquistas junto aos comitês de propaganda, realizavam piquetes e panfletagens nas fábricas, nas ruas e nas praças públicas, incorporando mais e mais trabalhadores. Os eventos de 1915 e 1916 forneceram os subsídios para compreender as relações entre o jornalismo operário e os periódicos “comuns”. Em 1917, um dos exemplos é o de Agripino Nazareth, que ingressava como anarquista, em jornais libertários. Agripino escrevia na imprensa liberal abolicionista e, devido aos acontecimentos na Rússia e da Greve Geral de 1917, passou a defender e inserir-se no movimento operário de forma ativa. Outros que se tornaram importantes anarquistas e que escreveram para jornais libertários, podemos citar o médico baiano Fábio Luz (também abolicionista) e Maurício de Lacerda.<sup>26</sup>

Jornais como *O Estado de São Paulo* contavam a participação de 25 mil pessoas nas ruas no dia 13 de julho de 1917<sup>27</sup>, sublinhando a total paralisação do comércio, alteração da ordem pública, piquetes de fábrica, saques e ações violentas por parte da polícia. Tais ações diretas, tanto contra o patrimônio quanto as instituições de repressão ao movimento, só se tornaram presentes, em razão do trabalho de base empreendido pela militância anarquista. Praticamente todos os jornais que eram

---

<sup>24</sup> DIAS, Everardo. Op. Cit. p. 61.

<sup>25</sup> *A Plebe* foi fundado em junho do mesmo ano pelo tipógrafo anarquista Edgard Leuenroth, validando-se como um dos principais jornais na história do anarquismo no Brasil.

<sup>26</sup> CASTELLUCCI, Aldrin. Agripino Nazareth e o movimento operário da Primeira República. *Revolução Brasileira Hist.*, vol. 32, n. 64. 2012. pp. 77-99. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882012000200006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882012000200006&lng=pt&nrm=iso). Acessado em 08/04/17.

<sup>27</sup> *O Estado de São Paulo*. “Os operários”. 13 de julho de 1917.



difundidos nas fábricas e nos bairros operários de São Paulo chegavam às mãos dos trabalhadores grevistas, nos encontros e nos círculos de debates. *A Plebe*, com suas edições semanais, fornecia as informações mais importantes sobre o desenrolar das greves na capital paulista, mas também no interior do estado, no restante do Brasil e nas mobilizações proletárias no mundo, como nos países do Prata (Argentina e Uruguai). Além disso, o jornal trazia os informes do movimento anarquista europeu e acompanhava o processo revolucionário russo. Neste sentido, o jornal anarquista servia de fermento ideológico, aglutinador de posições estratégicas para os anarquistas e para a grande mobilização operária. Neste caso, o trabalho elaborado por Edgard Leuenroth foi crucial para o desenvolvimento e sucesso do jornal. Além de trabalhar no periódico, Leuenroth pôde ainda colaborar, direta e indiretamente, com mais outros 20 jornais.<sup>28</sup> Também contribuiu na fundação de tantas outras associações e órgãos como o Centro Typographico de São Paulo, a União dos Trabalhadores Gráficos, a Associação Paulista de Imprensa e a Federação Nacional da Imprensa, vindo a lograr pelo seu imenso esforço, a criação do maior acervo sobre a memória do movimento operário e anarquista, que hoje carrega seu próprio nome em homenagem.<sup>29</sup> Por vários momentos, Leuenroth era considerado pelo Estado como o “mentor intelectual” do movimento.

Em junho de 1917, uma foto ficou conhecida onde desponta uma grande passeata com operários portando bandeiras negras. Uma massa de 70 mil trabalhadores marcha sobre São Paulo, anarquistas, operários, sindicalistas e, nas próprias palavras de Leuenroth, que militava no Comitê de Defesa Proletária, assim publicava sobre a manifestação no jornal *A Plebe*:

(...) Foi indescritível o espetáculo que então a população de São Paulo assistiu, preocupada com a gravidade da situação. De todos os pontos da cidade, como verdadeiros caudais humanos, caminhavam as multidões em busca do local que, durante muito tempo, havia servido de passarela para a ostentação de dispendiosas vaidades, justamente neste recanto da cidade de céu habitualmente toldado pela fumaça das fábricas, naquele instante, vazias dos trabalhadores que ali se reuniam para reclamar o seu indiscutível direito a um mais alto teor de vida. (...) A multidão se desdobrava em numerosas

---

<sup>28</sup> Dentre os mais importantes, estão: “O Boi”, “O Alfa”, “Folha do Braz”, “O Trabalhador Gráfico”, “Portugal Moderno”, “A Terra Livre”, “A Lucta Proletária”, “A Folha do Povo”, “A Lanterna”, “A Guerra Social”, “O Combate”, “A Capital”, “Eclectica”, “Spartacus”, “A Plebe” (já mencionado), “Romance Jornal”, “Jornal dos Jornaes”, “A Noite”, “Ação Libertária” e “Ação Direta”.

<sup>29</sup> O Arquivo Edgard Leuenroth é um Centro de Pesquisa e Documentação Social fundado em 1974 a partir da aquisição, por parte da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), da coleção de documentos impressos reunidos por Edgard Leuenroth. Em reconhecimento à admirável trajetória como militante anarquista e como jornalista da imprensa operária, o arquivo mantém o nome de Leuenroth para que se tenha acesso à documentação de fontes e coleções para a comunidade científica e à sociedade em geral. O acervo possui livros, manuscritos, revistas, jornais, registros fotográficos, cartazes, vídeos, etc.

colunas que se punham em marcha, de regresso aos bairros. Os militantes mais visados retiravam-se no meio de grupos espontaneamente formados. Soube-se mais tarde que, em pontos distantes do local do comício, haviam-se realizado varias prisões.<sup>30</sup>

Mesmo após a consolidação das reivindicações atendidas pelos patrões, o movimento anarquista ainda mantinha de pé a continuidade das greves, mediante toda a conquista de mobilização que haviam logrado. O processo revolucionário que se objetivava para uma ruptura através do enfrentamento com o poder estatal-capitalista estava condizente com os objetivos finalistas do movimento. Com isto, a ordem repressora partiu para a retaliação iniciando uma longa perseguição contra os anarquistas em todo o país.

### **A FAÍSCA SE ESPALHA**

No interior de São Paulo, na cidade de Campinas, as repercussões da greve também atingiram em cheio os comitês de trabalhadores que começavam a se organizar. Temos o exemplo do ferroviário anarquista Ângelo Soave, na coordenação desses comitês. De São Paulo para o interior, as carroças de subversivos estavam lotadas. Entre vindas e idas, muitos desapareciam.<sup>31</sup> Em Sorocaba, por exemplo, o jornal anarquista *O Operário*, constituía o instrumento principal da classe trabalhadora, cujo lema era “defender a legião dos oprimidos que constitui o elemento primordial do progresso e consequentemente o da riqueza universal”.<sup>32</sup> Na mesma cidade, a União dos Operários em Fábricas de Tecidos decide parar afetando todas as demais indústrias da região, principalmente a Votorantim.<sup>33</sup> Cidades de zonas fabris e de um proletariado em quantidade, como Campinas, Santos, Piracicaba, São Bernardo, São Caetano e Santo André, mobilizam-se gerando conflitos e fechando o comércio.

Na realidade do Rio Grande do Sul, a militância anarquista desempenhou um papel relevante na formação dos sindicatos de orientação revolucionária, nos centros de cultura social, escolas racionalistas, universidades populares, jornais, teatros operários, piqueniques, *meetings*, etc., estimulando o que se chamava de “cultura de classe” como

---

<sup>30</sup> LEUENROTH, Edgar. *Op. Cit.* p. 1.

<sup>31</sup> De “Greve Geral de 1917 em Campinas: A Comissão”. *Campinas*, 17 de julho de 1917. Disponível em: [http://www.anarkio.net/Pdf/ainfo\\_cps10.pdf](http://www.anarkio.net/Pdf/ainfo_cps10.pdf). Acessado em 08/04/17.

<sup>32</sup> De “O Operário”. Anno II. nº 79. 09 de abril de 1911. p. 1. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0373.pdf>. Acessado em 08/04/17.

<sup>33</sup> DIAS, Everardo. *Op. Cit.* p. 292.

identidade de luta permanente.<sup>34</sup> Desde o final do século XIX, os anarquistas gaúchos organizavam-se através de ligas e federações. O movimento operário gaúcho, seguindo a linha federativa, criou a Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS) em 1906, formada por três grupos: anarquistas, sindicalistas e socialistas. A propaganda anarquista se dava pelos jornais *Imprensa Operária* e *A Luta*, ambos no mesmo ano de fundação da FORGS. Para atestar a continuidade do movimento operário anarquista no sul do país, podemos ver cronologicamente que: o Primeiro de Maio é realizado de forma inédita no Brasil pelos anarquistas, na Praça da Alfândega de Porto Alegre (1892); na capital é fundado o Grupo dos Homens Livres, reunindo anarquistas de origem italiana (1894); criação do Primeiro Congresso Operário do Rio Grande do Sul (1897); fundação da União Operária Internacional, braço sindical do Grupo dos Homens Livres, de orientação anarcossindicalista (1905); fundação da Escola Eliseu Reclus na mesma sede de *A Luta* (1905); e a greve de marmoristas que se expande para outros setores de Porto Alegre, cujas categorias são de direção anarquista (1906).<sup>35</sup>

No momento em que os socialdemocratas empenhavam-se em conquistar espaço no parlamento, os anarquistas tentavam ganhar força dentro do movimento operário, mesmo possuindo densas críticas à composição heterogênea da FORGS. Em Pelotas, o Centro de Estudos Sociais da Liga Operária (respaldado por anarquistas) orientava o Grupo Iconoclasta, coletivo específico anarquista que organizava as ações diretas, como as do periódico *A Luta*, do Ateneu Sindicalista Pelotense e do Grupo de Teatro Social 1º de Maio.<sup>36</sup>

Como reverberação e articulação entre os comitês libertários, as manifestações se estenderam para todas as partes, entre ferroviários, estivadores e operários das fábricas, dos portos de Rio Grande e Pelotas. Da mesma forma que em São Paulo, comitês de solidariedade aos grevistas foram criados pelos sindicatos e ligas operárias. Ao final de julho, já se podiam ver militantes operários organizados entre os pedreiros, carpinteiros, tipógrafos, ferroviários, padeiros, trapicheiros, operários têxteis, carroceiros, caixeiros, choferes e demais categorias. Entre os representantes da FORGS, podemos destacar Luiz Derivi (ou Luigi Derivi), militante anarquista italiano, pedreiro,

---

<sup>34</sup> FILHO, Antenor Adorne; MOLINA, Rafael. “Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS)”. Disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador/um/antenor.pdf> e Acessado em 07/04/17.

<sup>35</sup> CARONE, Edgar. *Movimento Operário no Brasil – 1877/1944*. São Paulo: Difusão Editorial S. A., 1979.

<sup>36</sup> MARAM, S. Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979. PETERSEN, Silvia. *As greves no Rio Grande do Sul (1890-1919)*. Editora Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

que coordenava a edição do jornal *A Luta* e foi fundador e presidente da União dos Pedreiros em 1909, além de ser eleito presidente da FORGS em 1910.<sup>37</sup> Derivi foi um dos articuladores da Greve Geral de 1917, ou melhor, da grande manifestação que ficou conhecida como a “Guerra dos Braços Cruzados”, em Porto Alegre. O principal comício foi inaugurado por Derivi frente a 5 mil trabalhadores. Sabe-se que os primeiros episódios ocorreram na cidade de Santa Maria pelos ferroviários e em julho de 1917 a greve se espalha por todo o estado e outras regiões próximas ao Rio Grande do Sul. Em uma convocatória feita na plenária da FORGS, cria-se a Liga de Defesa Popular, que iria organizar toda a mobilização. No dia 31 de julho, estavam paralisadas as cidades de Porto Alegre, Santa Maria, Rio Grande, Bagé, Gravataí, Passo Fundo, Couto, Cacequi e Rio Pardo.<sup>38</sup>

O cenário destas cidades era de “praça de guerra”, com um numeroso contingente de policiais e infantarias do exército. Mesmo assim, anunciado o fim da greve pela FORGS, diversas categorias continuam de braços cruzados por mais semanas. Como saldo, algumas reivindicações foram atendidas e, em relação à militância anarquista, o balanço geral era de perdas, pois muitos tiveram de fugir de Porto Alegre, já que estavam sendo perseguidos e presos. Derivi, em particular, continuou atuando em jornais libertários como *A Época* e *A Evolução*. Ele faleceu em 1959. Um militante anarquista do período relatava a situação:

(...) mas o momento não é para conciliações, é de luta. A luta mais justificável, a luta pela vida. Os operários devem se erguer como um só homem, para sair às ruas e conquistar o pão que nos está sendo roubado e a fim de protestar contra a exploração de que é vítima a classe trabalhadora (...)<sup>39</sup>

Em Santa Catarina e Paraná, a presença de anarquistas na imprensa libertária e nos primeiros sindicatos, ressurgem nos registros das greves deflagradas, como da Southern Brazil Lumber ou Brazil Railway Company, empresa ferroviária criada em 1906, pertencente ao bilionário estadunidense Percival Farquhar. A empresa chegou a controlar 11 mil km no Brasil, ou seja, 47% de todas as ferrovias, que manteve até

---

<sup>37</sup> Derivi também foi fundador da Liga Padeiral em 1913, editor de “A Voz do Trabalhador” e participou como jornalista operário do jornal *Aurora* e *O Sindicalista*, ambos de 1914.

<sup>38</sup> Serviço de Notícias A-Infos: “A FAG convida para a palestra: 85 anos da Guerra dos Braços Cruzados”. 7 de Agosto de 2002. Disponível em: <http://www.ainfos.ca/02/aug/ainfos00095.html>. Acessado em 08/04/17.

<sup>39</sup> FEDERAÇÃO ANARQUISTA GAÚCHA. “Os anarquistas e o movimento operário do início do século”. Disponível em: <https://federacaoanarquistagaucha.files.wordpress.com/2015/12/movimento-operario-brasil-e-rs.pdf>. Acessado em 20/04/17.

1917. O capitalista controlava empresas de navegação, todo o ramo de madeiras, seringais, indústrias de papel, frigoríficos, hotéis, empresas de eletricidade, telefonia, portos, serviço de bondes, siderurgia, fazendas de gado, extração mineral, etc. No ano de 1917, a empresa entra em falência sendo estatizada em 1938. No período de greve, a famosa Guerra do Contestado implode entre os anos de 1912 a 1916. Da repressão ocorrida em São Paulo, muitos anarquistas foram presos e deportados para Santa Catarina e Paraná, como o militante José Righetti, de São Bernardo do Campo, enviado para o porto de São Francisco do Sul.<sup>40</sup> O jornal *A Plebe* circulava entre os meios operários e pobres camponeses da região agrária de Canoinhas, Santa Catarina.<sup>41</sup> Na cidade de Joinville, por exemplo, a greve de ferroviários gerou a expulsão de imigrantes trabalhadores alemães, acusados de serem “anarquistas”.<sup>42</sup> Em Curitiba, os levantes populares e os enfrentamentos mano a mano com os aparelhos do Estado, amparado por uma mídia incriminadora criaram um marco permanente nas relações de classe.<sup>43</sup> A Greve Geral em Curitiba permitiu que os anarquistas retomassem suas atividades mais

organizados, e utilizando até mesmo a dinamite, os operários chegaram a impedir o abastecimento da cidade, derrubando postes telefônicos e controlando os acessos ao centro urbano. Apesar do movimento ter sido parcialmente vitorioso, muitos trabalhadores foram presos ou deportados. Com o fim da Greve Geral de 1917, a repressão ao anarquismo no Paraná crescerá ainda mais.<sup>44</sup>

Já no Nordeste, a Bahia foi um dos centros dos episódios de 1917. O movimento operário baiano amadurece o processo de organização da classe, constituindo-se em 1919 o Primeiro Congresso de Trabalhadores Baianos. Considera-se que a greve geral baiana de 1919 foi muito parecida com a do Rio Grande do Sul. Todas as categorias da construção civil de Salvador, como pedreiros, carpinteiros, pintores, reunidos em sindicatos, deflagram a greve geral paralisando totalmente a cidade. O Congresso de 1919 gerou, no ano seguinte, a Federação dos Trabalhadores Baianos (FTB). Diferentemente da realidade do Sudeste e do Sul, as mobilizações populares no Nordeste tinham a ver com o processo das migrações para o meio urbano, o problema

---

<sup>40</sup> *A Plebe*. Ano I, n. 07.

<sup>41</sup> TOLEDO, Edilene. “A trajetória nos anarquistas no Brasil na Primeira República.” In: FERREIRA, Jorge & REIS FILHO, Daniel Aarão. *A formação das tradições (1889-1945): as esquerdas no Brasil*. Vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

<sup>42</sup> SILVA, Jorge E. *O nascimento da organização sindical no Brasil e as primeiras lutas operárias*. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 2000. p. 14.

<sup>43</sup> FONSECA, Ricardo Marcelo; GALEB, Maurício. *A Greve Geral de 17 em Curitiba: Resgate da memória operária*. Curitiba: Editora Ibert, 1996. p. 74.

<sup>44</sup> SAMIS, Alexandre. Op. Cit. p. 153.

da seca começando a agravar estruturalmente no interior, e o fenômeno do enorme contingente de descendentes de africanos e nativos, pintando uma textura multifacetada na sociedade nordestina. A classe trabalhadora era composta, assim, de operários, homens e mulheres, crianças, mestiços, negros e índios. Cada grupo com sua especificidade de elementos que, enraizados na estrutura social e política de um país colonialista, recebia os contornos comuns da luta de resistência. O grau de radicalidade que surge em 1917-18-19-20 confirma tranquilamente como a classe operária ajuizava sua conduta.<sup>45</sup> Em 1919, Recife estava no auge das ondas grevistas fazendo com que os “sindicalistas revolucionários conseguissem paralisar quase por completo toda a malha urbana”.<sup>46</sup>

## **O ENSAIO DA GREVE GERAL NO RIO DE JANEIRO E A INSURREIÇÃO ANARQUISTA**

Os eventos ocorridos no ano de 1917 em diversos estados do Brasil, não terminaram por aí. A Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ), no mesmo modelo de organização da FOSP e da FORGS, criava as condições para as mobilizações em grande número da classe trabalhadora que visava restaurar a vida orgânica de seus sindicatos de luta. No mês de março, a FORJ reorganiza a extinta União Geral da Construção Civil reunindo militantes libertários como o gráfico João Leuenroth, o metalúrgico Paschoal Gravina, o pintor Juvenal Leal, o empregado do comércio José Romero, o sapateiro José Maria Esteves, além de J. Campos dos Jovens Libertários.<sup>47</sup> A FORJ constituía as funções administrativas das secretarias que posteriormente iria estabelecer uma forte adesão da classe operária com mais de 500 associados. Em referência à Revolução Russa, a FORJ lança algumas palavras aos trabalhadores pela União Geral da Construção Civil:

Da Rússia, atravessando as campinas da Hungria, da Boêmia, da Croácia, da Áustria e da Alemanha, a ideia marcha em toda a sua plenitude. Desabam troncos seculares, e instituições antiquadas, ao sopro redentor do sol dos livres. É a ideia em marcha.<sup>48</sup>

---

<sup>45</sup> GUIMARÃES, Luciano de Moura. *Ideias perniciosas do anarquismo na Bahia: lutas e organização dos trabalhadores da construção civil - 1919-1922*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia – Salvador, 2012.

<sup>46</sup> SAMIS, Alexandre. *Op. Cit.* p. 155.

<sup>47</sup> CARONE, Edgar. *Op. Cit.* Histórico do movimento da União dos Operários em Construção Civil (Rio). p. 64

<sup>48</sup> *Ibid.* p.73-74.

A FORJ, em julho de 1917 publicava um manifesto contrário à participação do Brasil na Primeira Guerra, realizando grandes atos e em razão disso, teve suas portas fechadas, conseguindo sobreviver clandestinamente.<sup>49</sup> Sete meses depois, em 1918, com o nível de organização atingido pelo movimento operário e o grau de combatividade frente ao Estado, permitiu-se dar continuidade à luta anticapitalista. A partir da criação do Conselho Geral dos Operários, que tinha por objetivo, o resgate de presos em 1919, os anarquistas deram maior volume à Aliança Anarquista. Ela atuaria como “um órgão de união, entendimento e de aliança entre anarquistas, no sentido da propaganda e ação entre seus membros e no meio proletário<sup>50</sup>”, na capital do país, com a ajuda dos sindicatos e dos comitês de solidariedade, majoritariamente anarquistas. Em tal levante, mobilizaram-se “metalúrgicos, tecelões e participantes de outras categorias de trabalhadores.”<sup>51</sup> Acrescenta-se a isso, os informes que chegavam sobre a Revolução Russa, problematizando as relações, cada vez mais díspares, entre os bolcheviques e anarquistas.<sup>52</sup>

O governo do RJ, articulado com o comando da polícia paulista, decidiu partir previamente para a política de repressão, dura e sistemática, principalmente nos locais onde a militância anarquista se organizava. Assim, a FORJ, antes de entrar em vigor em 1918, já tinha suas portas fechadas pelo Estado. Em março é fundada a União Geral dos Trabalhadores (UGT) em substituição à FORJ. Como de se esperar, o ato de Primeiro de Maio de 1918 foi declarado, pelo governo federal, como estado de sítio na capital nacional. Durante todos os seguintes meses, greves, confrontos e repressões violentas proporcionaram a rotina pesada para os milhares de trabalhadores no Rio de Janeiro.

No dia 21 de julho estala a greve geral por 48 horas tendo,

(...) acirrado os ódios reacionários e imperialistas dos governos aliados e dos impérios centrais contra a Revolução Russa e tendo esses declarado uma guerra sem tréguas à Rússia revolucionária, o proletariado internacional resolve declarar a greve geral como protesto ao apetite sanguinário dos autocratas do mundo: e, como a Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro adere a esse movimento coletivo de solidariedade ao povo russo, esta União acompanha-a como federada e como simpática ao grande gesto do proletariado internacional para com os nossos irmãos da grande Rússia.<sup>53</sup>

---

<sup>49</sup> LINHARES, Hermínio. *Op. Cit.* p. 61.

<sup>50</sup> SAMIS, Alexandre. *Op. Cit.* p. 145.

<sup>51</sup> DONATO, Hernâni. *Dicionário das Batalhas Brasileiras*. São Paulo: Editora Ibrasa. 1996. p. 153.

<sup>52</sup> A Insurreição Anarquista de 1918 tinha, de fato, plena influência da Revolução Russa, tanto em seus objetivos principais como na forma em que foi organizada.

<sup>53</sup> CARONE, Edgar. *Op. Cit.* p. 75.

Assinam os secretários da Federação: Antônio de Oliveira, Francisco Viegas, Alfredo Mesquita, Domingos Passos, Ulysses de Carvalho, Joaquim Gonçalves. Como reação a tal manifesto, são reprimidos pela polícia e detidos os companheiros José Madeira, Galeano Tostões e Ernesto Crocci. Outros são deportados e desaparecidos.<sup>54</sup> Em novembro, o clima tenso já tornava insustentável qualquer ação legalista ou reformista, tanto em relação à disputa acirrada entre anarquistas e socialistas autoritários quanto pelas greves, que já haviam se transformado ilegais. No dia 18, em reunião secreta, delegados e representantes das organizações anarquistas, sindicais, comitês de greve e alguns militares, participaram da elaboração de um plano de ataque à sede central do Estado, o Palácio do Governo. Tal ação envolveu diretamente mais de 400 pessoas, através de uma greve relâmpago entre os setores organizados. A ideia era sabotar os meios de acesso à sede central e realizar ataques com bombas, impossibilitando a reação dos quartéis. Nesta ação, as guarnições “resistiram o tempo necessário para que o alarme fosse dado e o reforço de infantaria e cavalaria fizesse debandar os anarquistas.”<sup>55</sup> Ao mesmo tempo, batalhões do exército desocupam os estabelecimentos impedindo o avanço dos trabalhadores. Na ingênua tentativa de articulação com as forças militares no momento de organização dos planos de ataque, o exército desfaz qualquer possibilidade real de derrubada do poder. Com o levante desorganizado, e ao fim do dia, praticamente todas as lideranças sendo detidas, entre elas: José Oiticica, Manuel Campos, Astrogildo Pereira, Carlos Dias, Álvaro Palmeira, José Elias da Silva, João da Costa Pimenta e Agripino Nazaré, sendo deportados para diferentes estados e outros expulsos do país. Com tudo isso, manifestações continuaram acontecendo, principalmente de forma autônoma, pois os sindicatos e organizações como a UGT foram rapidamente dissolvidas por decretos. A Insurreição de 1918 ainda serviu como argumento de fator real para dar início a uma série de perseguições, extradições e torturas. De tudo isto, ainda no dia 20 de novembro, o Senado Federal considerou “aceitável” a disposição sobre a regulação das leis trabalhistas e de algumas exigências mínimas que o movimento operário estabelecia.

---

<sup>54</sup> LEAL, Juvenal. “União dos Operários em Construção Civil: histórico de 1917-1919”. p.3-29. CARONE, Edgar. *Op. Cit.* p.76.

<sup>55</sup> DONATO, Hernâni. *Op. Cit.* p. 153.



## SIGNIFICADO E CONTEXTO

“Em São Paulo só não ganha dinheiro quem não trabalha, só é pobre quem é vadio”.

*Correio Paulistano* - junho/1917

As diferenças entre as greves e mobilizações de São Paulo e do Rio de Janeiro, separadas por um ano, resultam em pequenas particularidades, assim como alguns pontos em comum. Em São Paulo, por exemplo, a existência do modelo sindicalista revolucionária, como corrente majoritária dentro do movimento operário, possibilitava o debate caloroso sobre os modelos a serem implantados e, neste sentido, convergiam e divergiam sobre ideias e práticas: anarquistas, sindicalistas e socialistas reformistas. O que antecede ao ano de 1917, até o momento, são profundas transformações sociais e políticas, crises e modelos de sociedades que ajudaram a marcar definitivamente essa passagem de século. Vimos o nascimento e fortalecimento de um movimento operário na América Latina, Europa e Ásia, a Revolução Mexicana (neste contexto, inédita para o mundo), a criação do sindicalismo revolucionário e a concepção do anarcossindicalismo, a criação dos *soviets* em 1905, as confederações e ligas operárias, a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa, a Insurreição Anarquista, etc. O sistema capitalista se expandia movido pelas guerras imperialistas. É possível perceber que parte dos elementos em comum com todos estes eventos políticos diziam respeito, em geral, ao aumento do custo de vida, a falta de acesso aos serviços básicos, e principalmente às péssimas e degradantes formas de trabalho. Igualmente, a Europa, na virada do século, já havia passado por agitações revolucionárias, como a experiência da Comuna de Paris (1871), Insurreição Espanhola (1874), Revolta de Minas de Riotinto (1888) e o Primeiro de Maio de Elche (1890); os Estados Unidos haviam presenciado a Revolta de Haymarket (1886). No Brasil, greves já vinham sendo construídas desde o início do século, em ambas cidades, como as do ano de 1905, pelos portuários de Santos e Rio de Janeiro, e dos ferroviários em 1906.<sup>56</sup>

Isso, sem contar que em 1907, o Estado decretou a lei que expulsaria do país todo e qualquer imigrante estrangeiro que tivesse ligação com os movimentos grevistas.

---

<sup>56</sup> FORNAZIERI, Ligia Lopes. “A greve geral de 1917.” *Greves operárias na Primeira República*. 31 de maio de 2011. Disponível em: <https://historiandonanet07.wordpress.com/2011/05/31/a-greve-geral-de-1917/>. Acessado em 08/04/17.

A Lei Adolfo Gordo<sup>57</sup>, que foi chamada, autorizava a repressão que visava principalmente os militantes anarquistas. Sabe-se que foram expulsos mais de 100 imigrantes apenas nesse ano, e o número cresceu, de 1908 até 1921, para 560 deportações, sem falar, é claro, das perseguições e mortes causadas pela repressão.<sup>58</sup> Como podia-se ver no Decreto nº 1.641 do Diário Oficial da União, Seção 1 de 7 de janeiro de 1907:

Providencia sobre a expulsão de estrangeiros do território nacional.  
O Presidente da Republica Federativa do Brasil:  
Faço saber que o Congresso Nacional decretou e eu sanciono a seguinte resolução:  
Art. 1º: O estrangeiro que, por qualquer motivo, comprometer a segurança nacional ou a tranquillidade pública, pode ser expulso de parte ou de todo o território nacional.  
Art. 2º: São também causas bastantes para a expulsão: 1ª, a condenação ou processo pelos tribunais estrangeiros por crimes ou delitos de natureza comum; 2ª, duas condenações, pelo menos, pelos tribunais brasileiros, por crimes ou delitos de natureza comum; 3ª, a vagabundagem, a mendicidade e o lenocínio competentemente verificados.  
Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1907, 19º da Republica.  
AFFONSO AUGUSTO MOREIRA PENNA. Augusto Tavares de Lyra.<sup>59</sup>

Segundo o jornal *A Batalha*, do total de aproximadamente 650 pessoas deportadas (oficialmente) até 1921 - nesse período devemos lembrar que havia nas fábricas, em torno de 250 mil trabalhadores -, o número de expulsos, para a época foi bastante relevante.<sup>60</sup> Esse número de trabalhadores no meio urbano contrasta a realidade em relação ao resto do país, dado que, na década de 1910, a maior parcela da população ainda vivia no campo.

Após este período de lutas, derrotas e experiências de ação direta contra o Estado e o patronato, pode-se constatar que, apesar dos aumentos salariais imediatos (de 15 a 30%), diminuição da jornada de trabalho e outras reivindicações mais, fizeram com que o governo aplicasse tais conquistas trabalhistas na promulgação da CLT em 1943, pelo presidente “trabalhista” Getúlio Vargas. Na verdade, considerando a longa pauta de exigências por parte do movimento, que teve em alguns pontos conquistados, a força

---

<sup>57</sup> Adolfo Gordo era deputado e foi eleito Ministro Chefe da Casa Civil onde criou a lei do mesmo nome em 1907 para expulsar os anarquistas imigrantes do país.

<sup>58</sup> Dados de acordo com o historiador Claudio Batalha, no livro *O Movimento Operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2000.

<sup>59</sup> BATALHA, Claudio. *O Movimento Operário na Primeira República*; ZAMORANO, Victor Blanco. “Inmigración, exclusión y experiencia urbana: el caso de los españoles en Río de Janeiro (1880-1930)”, In: SÁNCHEZ GÓMEZ; SANTOS PÉREZ, José Manuel (coords.). *De urbe indiana*. Salamanca: Editora Universidad de Salamanca, 2010. DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil: 1900-1935*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1977.

<sup>60</sup> Jornal *A Batalha*, Greve geral operária. nº 1.139

repressora contrabalanceou o peso das conquistas com o enfraquecimento do poder sindical e da organização dos trabalhadores. Isso pode ser verificado pelo próprio especialista em Instituições e Processos Políticos da Câmara dos Deputados, Maurício Matos Mendes, em seu artigo “A experiência anarquista no Brasil: algumas anotações sobre as greves de 1917 e suas repercussões na Câmara dos Deputados”, onde afirma que

a presença do pensamento anarquista foi essencial para a construção do Estado Social (...) sua influência ainda pode ser encontrada. Mais do que participação nas lutas pelas reivindicações operárias, como a limitação da jornada de trabalho ou a garantia do descanso semanal remunerado, cujos resultados podem hoje ser sentidos, julgamos que o movimento anarquista constituiu um importante instrumento na construção da identidade de classe dos trabalhadores.<sup>61</sup>

A pedra fundamental para o início da “era bolchevique” no Brasil após 1920, se deu com o estabelecimento ideológico do bolchevismo do PCB nas frentes sindicais. Ainda assim, apesar de o anarquismo ter sido referência na historicidade do movimento operário, desde o seu início na metade do século XIX, “não é comumente destacado pela historiografia que estuda o movimento operário. Isso pode ter ocorrido pela predominância dos historiadores marxistas, que tenderam a inferiorizar a atuação anarquista”, tal como afirma Cristina Campos na seguinte passagem:

A tentativa revolucionária dos anos 1917-1920, além de ter sido esquecida pela historiografia oficial, foi “mal vista” pela historiografia marxista (leninista). Esta postura ligou essencialmente ao fato dos libertários terem se negado a criar o partido revolucionário e de não participarem do processo político-eleitoral estabelecendo alianças com outras camadas sociais.<sup>62</sup>

Para Edgard Carone, a participação dos anarquistas nas greves de 1917 foram muito superiores em termos organizacionais e de ação direta do que as inserções bolcheviques.<sup>63</sup> Outro autor, Sérgio Pinheiro, identifica na tendência sindicalista revolucionária, que era preponderante no meio operário, assumia a maioria das ações que ajudaram a influenciar as condutas de luta naquele período. Para ele:

---

<sup>61</sup> MENDES, Maurício Matos. “A Experiência Anarquista no Brasil, algumas anotações sobre as greves de 1917 e suas repercussões na Câmara dos Deputados.” E-Legis. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação. Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento da Câmara de Deputados. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/e-legis> e <http://bd.camara.gov.br>. Acessado em 08/04/17.

<sup>62</sup> CAMPOS, Christina. *O sonhar libertário: Movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. São Paulo: Pontes, 1988.

p. 12.

<sup>63</sup> CARONE, Edgard. *Classes sociais e movimento operário*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

Importante é reter que a linguagem dos anarcossindicalistas e dos sindicalistas e dos sindicalistas revolucionários dominava na esquerda revolucionária por todo o mundo, antes de 1917. Quando a historiografia tradicional se defrontou com essa questão, parece ter-se esquecido de que o nascente movimento operário brasileiro realizava, à sua maneira, essa tendência. O discurso anarcossindicalista usava a linguagem comum da esquerda revolucionária (o marxismo, nessa época, era associado à social-democracia alemã ou algo similar).<sup>64</sup>

A partir da década de 30 ficou comum a ideia de creditar o recuo do movimento anarquista quando surge a forma estatizada de sindicato e com as repressões sofridas. Desta forma, é importante salientar que, frente ao processo da Revolução Russa, os anarquistas, de 1905 a 1920, foram responsáveis pela nova virada radical e combativa classista nos setores organizados da classe operária no Brasil. A partir das informações vindas da Revolução Bolchevique, o grau de distinção entre as ações diretas e a burocracia sindical, permitiu que o movimento anarquista reciclasse de alguma forma as suas táticas. Na encruzilhada entre a burocratização e a repressão, a situação política do movimento anarquista tentava se superar em meio à crise mundial do capitalismo, o avanço do fascismo e os efeitos econômicos do fim da Primeira Guerra.<sup>65</sup> Considerar, portanto, as acusações sobre o “declínio” do anarquismo sem levar em conta as suas diferentes estratégias, como o sindicalismo revolucionário e o anarcossindicalismo, é incorrer em insuficiências históricas.

## **BIBLIOGRAFIA**

BANDEIRA, Luiz M. *O Ano Vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1967.

BATALHA, Claudio. *O Movimento Operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Jazar, 2000.

BEIGUELMAN, Paula. *Os companheiros de São Paulo: Ontem e hoje*. São Paulo: Editora Cortez. 2002.

CARONE, Edgar. *Movimento Operário no Brasil – 1877/1944*. São Paulo: Difusão Editorial S. A, 1979.

CARONE, Edgard. *Classes sociais e movimento operário*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

---

<sup>64</sup> PINHEIRO, Paulo Sérgio. “O proletariado industrial na Primeira República”. In: Boris Fausto (ed.), *História geral da civilização brasileira*, tomo III, vol. 2. Rio de Janeiro/ São Paulo: Edifel. p. 154.

<sup>65</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil: 1880-1920*. Petrópolis: Ed. Vozes. 1978.p.73

CASTELLUCCI, Aldrin. “Agripino Nazareth e o movimento operário da Primeira República”. *Revolução Brasileira Hist.*, vol. 32, n. 64. 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882012000200006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882012000200006&lng=pt&nrm=iso). Acessado em 08/04/17.

CAMPOS, Christina. *O sonhar libertário: Movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. São Paulo: Pontes, 1988.

DIAS, Everardo. *História das Lutas Sociais no Brasil*. São Paulo: Editora Alfa Omega. 1977.

DONATO, Hernâni. *Dicionário das Batalhas Brasileiras*. São Paulo: Editora Ibrasa, 1996.

DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil: 1900-1935*. Editora São Paulo: Nova Fronteira. 1977.

FAUSTO, Boris (ed.). *História geral da civilização brasileira*, Rio de Janeiro: Edifel.

FEDERAÇÃO ANARQUISTA GAÚCHA. “Os anarquistas e o movimento operário do início do século”. Disponível em: <https://federacaoanarquistagaucha.files.wordpress.com/2015/12/movimento-operario-brasil-e-rs.pdf>. Acessado em 20/04/17.

FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil: 1880-1920*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1978.

FILHO, Antenor Adorne; MOLINA, Rafael. “Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS)”. Disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador/um/antenor.pdf> e Acessado em 07/04/17.

FONSECA, Ricardo Marcelo; GALEB, Maurício. *A Greve Geral de 17 em Curitiba: Resgate da memória operária*. Curitiba: Editora Ibert. 1996.

FORNAZIERI, Ligia Lopes. “A greve geral de 1917.” *Greves operárias na Primeira República*. 31 de maio de 2011. Disponível em: <https://historiandonanet07.wordpress.com/2011/05/31/a-greve-geral-de-1917/>. Acessado em 08/04/17

GUIMARÃES, Luciano de Moura. *Ideias perniciosas do anarquismo na Bahia: lutas e organização dos trabalhadores da construção civil - 1919-1922*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia – Salvador, 2012.

LEAL, Juvenal. “União dos Operários em Construção Civil: histórico de 1917-1919”. p.3-29. In: *Histórico do movimento da União dos Operários em Construção Civil* (Rio).

LEUENROTH, Edgar. *Jornal Dealbar*. ano 2, n. 17. São Paulo. 17 de dezembro de 1968

LINHARES, Hermínio. *Contribuição à história das lutas operárias no Brasil*. São Paulo Alfa-Omega, 1977.

MARAM, S. Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 1979.

MENDES, Mauricio Matos. “A Experiência Anarquista no Brasil, algumas anotações sobre as greves de 1917 e suas repercussões na Câmara dos Deputados.” *E-Legis. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação*. Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento da Câmara de Deputados. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/e-legis> e <http://bd.camara.gov.br>. Acessado em 08/04/17.

PETERSEN, S. R. F. “As greves no Rio Grande do Sul (1890-1919)”. Editora Mercado Porto Alegre: Aberto. 1979.

SAMIS, Alexandre. “Pavilhão negro sobre pátria oliva. História do movimento operário revolucionário”. In: COLOMBO, Eduardo et all (Coord). *História do Movimento Operário Revolucionário*. São Paulo: Editora Imaginário/ Observatório de Políticas Sociais IMES, 2004.

SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. Editora Imaginário. São Paulo. 2002.

SÁNCHEZ GÓMEZ; SANTOS PÉREZ, José Manuel (coord.). *De urbe indiana*. Salamanca: Editora Universidad de Salamanca, 2010.

Serviço de Notícias A-Infos: “A FAG convida para a palestra: 85 anos da Guerra dos Braços Cruzados”. 7 de Agosto de 2002. Disponível em: <http://www.ainfos.ca/02/aug/ainfos00095.html>. Acessado em 08/04/17.

SILVA, Jorge E. *O nascimento da organização sindical no Brasil e as primeiras lutas operárias*. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 2000.

TOLEDO, Edilene. “A trajetória nos anarquistas no Brasil na Primeira República.” In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão. *A formação das tradições (1889-1945): as esquerdas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

## **JORNAIS E PERIÓDICOS CONSULTADOS:**

*O Estado de São Paulo*. “Os operários.” 13 de julho de 1917. Disponível em: <http://lemad.fflch.usp.br/node/367>. Acessado em 20/04/17.

*Campinas*. “Greve Geral de 1917 em Campinas: A Comissão”. 17 de julho de 1917. Disponível em: [http://www.anarkio.net/Pdf/ainfo\\_cps10.pdf](http://www.anarkio.net/Pdf/ainfo_cps10.pdf). Acessado em 08/04/17.

*O Operário*. Anno II. nº 79. 09 de abril de 1911. p. 1. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0373.pdf>. Acessado em 08/04/17.

*A Plebe*. Ano I, n. 07. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/7045>. Acessado em 20/04/17.